

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrasado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Politica e politicos; — *Ambrozio Severo* — Thomaz Driendi — Questão litteraria — Maria da Fonte — Manto real, soueto; *Alberto de Oliveira* — *Germinai*; *Araripe Junior* — *A Gazeta da Tarde* — Bótos; *Filinto de Almeida* — O Anti-Christo; *Gomes Leal* — Cofre das graças; *Bibiano* — Cauhenho de um moralista; *Pantagruel* — Os sete peccados mortaes; *Th. de Banville* — A vida elegante; *Lorquon* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? romance — Tratos á boia; *D. Pastel* — Recobemos — Factos diversos — Correo — Aununcios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atraso o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1.º trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviámos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declaramos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á colleção desde o n. 1, e a um exemplar do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA.**

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 2 de Maio de 1885.

Acabamos de sahir do oceano revolto e encapellado de *Jornaes, Gazetas e Paizes*, em que nos aventurámos impavidamente, á pesca dos acontecimentos da semana, trazendo unicamente na rede—a corôa de visconde offerecida ao Sr. Dito da Gavea pelos officiaes da guarnição da corte, as condecorações dadas aos membros da commissão de estudos do Madeira e Mamoré e a associação protectora dos animaes.

Além desses *robalos*, só conseguimos pescar algumas *sardinhas*:—disturbios na camara, assuadas na rua, e outras *ocurrencias diversas*.

Semana chlochissima como um discurso do Sr. Mac-Dowel e esteril como a actual sessão extraordinaria do Parlamento.

A manifestação ao Sr. visconde da Gavea foi estrondosa, brilliantissima, ao que nos consta.

O prestito compunha-se de dois carros, no primeiro dos quaes iam a corôa de ouro e o album com as assignaturas dos offertantes, acompanhados por trez militares illustres e de oito bonds com musica, foguetes, discursos e manifestantes.

Chegados á casa de S. Ex. já se sabe o que aconteceu: « Neste momento solemne, nós faltaríamos etc. e tal... O Sr. visconde agradeceu commovido...

Tocou-se o hymno... Depois côpo d'agua... não:—chavena de chá... Em seguida um animado baile que se prolongou até horas adiantadas da noite... e etc. e tal... »

Comprimntamos o bravo visconde pela brilhante manifestação de que foi alvo, sentindo não termos tido a fortuna de contemplar-o com a sua corôa de ouro á cabeça, sobraçando o album e cingindo a sua gloriosa e virginal espada, a sua espada invicta e terrível. Sentimo-lo profundamente. Em todo caso, e mais uma vez—parabens, Sr. visconde, parabens.

Quanto ás condecorações á commissão —Pinkas, pouco diremos, porque a injustiça feita pelo governo aos membros da primeira commissão, dirigida pelo distincto engenheiro Morsing, já foi exuberantemente discutida e posta em relevo pelos collegas diarios.

Para estes—nada; para aquelles—tudo. Sempre assim foi a justiça do cofre das graças.

Consolem-se e satisfaçam-se os membros da commissão Morsing,—que tanto trabalhou e tanto soffreu, preparando o terreno em que devia a sua feliz successora colher commendas e habitos da Rosa,—com a sympathia e o apreço da imprensa e do publico.

Que melhores condecorações do que essas?

Brilham menos talvez do que as outras, mas são mais duradouras e mais honrosas.

O Sr. conselheiro Correia teve a feliz e peregrina idéa de fundar uma associação protectora dos animaes, a primeira desse genero que se funda no Brazil.

Dando os nossos parabens ao inextinguível e indefesso Sr. Conselheiro Requeiramento pela sua generosa idéa, perguntamos-lhe respeitadamente se entre os protegidos da associação pretende S. Ex. incluir os escravos maiores de 60 annos, essas velhas bestas de carga, ás quaes S. Ex. tem negado a unica felicidade a que esses desgraçados podem aspirar:—morrer tranquillamente, desalgemados

do captivo, na doce e pacificadora recompensa da liberdade.

Vamos, Sr. senador, proteja tambem esses animaes...

Valerão elles menos do que os cães vadios e as bestas de carroça?

POLITICA E POLITICOS

Os factos são sempre os mesmos. Os Srs. deputados continuam a não querer discutir o projecto que deu origem á dissolução da passada legislatura e a consulta ás urnas eleitoraes.

No dia 29 foi vergonhoso o que se passou na camara.

Aberta a sessão, o Sr. secretario deu conta do decreto de prorogação da sessão extraordinaria até o dia 19 de Maio.

Este facto impressionou vivamente os dissidentes e os conservadores porque transparece n'elle a attitudo favoravel da Corôa ao ministerio 6 de Junho.

Por occasião de votar-se o parecer sobre a eleição do 2.º districto do Rio Grande do Norte, dous membros da commissão de poderes votaram contra o que haviam approved na commissão, e que estava incluido nos seus pareceres.

A assembléa n'esse momento tornou-se excessivamente tumultuosa, houve gritos, ameaças, insultos: dous deputados esmurraram-se; um inferno, uma vergonha!

Ante-hontem dous deputados foram apupados á sahida da camara:—os Srs. Moreira de Barros e Antonio de Siqueira.

Para nós, como para a maior parte talvez, deve este facto merecer uma grave censura, pois é um desrespeito á dignidade dos Srs. deputados.

Mas, perguntamos: o que será mais vergonhoso, a attitudo d'esse grupo em frente do Sr. Moreira de Barros ou a d'este senhor em frente da opinião publica?

Porventura a opposição não tem creado para o seu nome a maxima desconsideração e o maximo desprestigio?

Qual é a confiança, o respeito e a estima que cada um dos membros da opposição pôde impôr á consciencia collectiva da nação?

SS. EE. tudo perderam. SS. EE. tudo têm feito para suffocar a idéa que constitue a unica preocupação do paiz.

E quem nos dirá que esses motins que começaram no seio da representação nacional, que repercutem com uma certa insistencia cá fóra, não se generalisarão a ponto de transformar inteiramente a physionomia geral dos acontecimentos politicos?

Não approvamos a arruaça; explicamol-a, apontando-lhe as causas efficientes. Estes factos são vergonhosos e tristes, mas são consequencias logicas de outros não menos tristes nem menos vergonhosos.

Seria prudente que os senhores da opposição se dessem ao trabalho de observar melhor a situação que elles proprios estão preparando com uma coragem, só explicavel pela ignorancia e pela imbecillidade e consultassem as leis historicas que presidiram ás catastrophes europeas e americanas e se dessem ainda ao trabalho de as adaptar ao nosso meio, isto é, ao conjunto exterior dos factos, tendo em vista o caracter geral das idéas que augmentam de proporções ao mesmo tempo que a opposição procura limitarlhes a acção e reduzi-las á insignificantisima cathegoria de um phenomeno sem importancia.

Acautelai-vos, acautelai-vos EExms.
AMBROZIO SEVERO

Publicamos hoje um excerpto do grande poema *O Anti-Christo*, do popular e vigoroso poeta portuguez Gomes Leal. D'esta obra inedita não era conhecido ainda nenhum trecho, e a fortuna de brindar os nossos leitores com o que hoje enriquece as nossas paginas de mol-a ao nosso distincto collaborador de Lisboa, Monteiro Ramalho, de que publicaremos no proximo numero uma curta, mas scintillante pagina.

THOMAZ DRIENDL

Quem viu a *Scena da Baviéra*, um quadro delicioso, que dá ao espectador a impressão de uma teta de grande mestre, consagrada pela serena justiça do tempo.—quem viu os estudos de cabeça, expostos no Lyceu de Artes e Officios, quem viu o retrato do Dr. Ferreira Vianna, ha mezes exhibido no bello salão do Sr. De Wilde,—um benemerito advogado da Arte n'estas inhospitas plagas mercantis do Rio de Janeiro:—quem tiver visto esses quadros e souber que se acha actualmente exposto no mesmo logar uma nova obra de Driendl, segundo *retrato* do Dr. Ferreira Vianna, executado por encomenda da irmandade da Candelaria, exclamará immediatamente com a convicção prévia—se nos permittem a expressão—da confiança absoluta que geralmente se dedica aos grandes talentos:—E' uma teta de mestre!

E correrá pressuroso ao *atelier* De Wilde.

E' na verdade uma obra de mestre.

A perspectiva, o panejamento, o colorido, a expressão physiologica da figura, tudo está lançado sobre a teta com a mesma segurança de pincel.

Alli, tanto se admiram os accessorios, como a concepção geral do quadro; não ha em todo elle uma pollegada inutil, e os fundos, a despeito do grande cuidado com que estão tratados, não sacrificam de fórma alguma o retrato.

Afastando-se da rotina seguida pelos pintores d'este genero, Driendl não recebeu completar a sua obra pelo modo que lhe pareceu melhor e mais original. Ao contrario do que succede com os retratistas, que só miram o interesse, elle, em vez de dar á sua figura um mesquinho fundo de panno verde ou encarnado, fal-a sobresahir em pleno ar, cercada de corredores que se vão perder a muitos metros de distancia.

E tudo isso é pintado com muita sin-geleza, com muito pouca tinta e com muito estylo; tudo isso é feito com tal espontaneidade que parece, não uma obra de encomenda, mas uma impressão natural do artista.

O De Wilde tinha razão quando dizia:— « Homem! Vocês ainda não conhecem o Driendl! Esperem! Esperem! »

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil?

Temos recebido até esta data 113 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias, os senhores:

Da Côrte—Manoel Varella Sobrinho, Antonio Emilio Pinto Garcia, Sebastião Dias, Firmino J. Doria Filho, Alfredo Pinto Garcia, Manoel José Pereira Guimarães, Thomaz de Aquino, Americo Cordeiro, Arthur J. Pinto de Athayde, Lysippo Garcia, José Ferreira de Carvalho, Eduardo Augusto Jansen, João Lopes de Araujo, Thomaz José da Rocha, Joaquim Ozorio Duque Estrada, João Braulio Muniz Cordeiro, Amalio José da Costa, Jayme Cordeiro, Luiz Bento Ferreira, Cantidio Vargas Santos Coutinho, C. da Fonseca, Leoncio Fernando de Almeida, Alfredo Peres, Fernando P. de Moraes, Vicente de Castro, A. Dias Costa, José Ribeiro, Carlos Cardoso Fernando de Sá, Boaventura Soares, Peregrino Martins, José Vrginio Pereira da Motta, Lucidio Velho de Castro, Antonio Brandão, Francisco Ribeiro dos Santos, Assis Menezes, Estansláu Caldas Coelho da Rocha, D. Elizia do Valle, Ernesto da Silva Araujo, Manoel da Cunha e João Cancio.

EM CASTRO ALVES

Da Côrte:—José Rossi, V. Caldas Filho, A. de Carvalho, Pedro H. da Silva, Justino Alves Ferreira, Fidelis de Lemos, Arthur Costa e Francisco Silva.

De S. Paulo:—Joaquim Pacheco de Mendonça Junior.

De Nictheroy:—J. R. Pinto Filho.

De Santos:—Spiza Martins.

Do Rio Clarq:—Antonio F. Netto, Pinto Saldanha.

De Cataguazes:—Francisco da Costa Sobrinho.

De Santa Izabel:—Alexandre Veiga.

EM LUIZ DELFINO

Da Côrte:—Ricardo Azamor, Julio Cezar Pedreira e Mattos, Arthur Duarte, Gustavo Duarte, Cincinato Guterres, Horacio Guterres e Luiz de Freitas.

De S. Paulo:—Pedro Dias Soares, Francisco Brant.

De Pirassununga:—J. R. da Motta Junior.

De Nictheroy:—Saturnino José de Azeredo e Felipe Alves de Azeredo.

EM LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Da Côrte:—Fernando Henriques.

De S. Paulo:—Leocadia de Magalhães e Silva.

EM CASIMIRO DE ABREU

De S. Paulo:—Julio Mauricio da Silva, João C. Ferreira e José Parada.

EM LAURINDO REBELLO

Da Côrte:—Braulio Cordeiro.

EM ALBERTO DE OLIVEIRA

De Nictheroy:—Paulino Hermogeneo da Silva.

EM BAZILIO DA GAMA

De S. Paulo:—Galdino de Almeida.

EM GONÇALVES CRESPO

De Santos:—José Ferreira de Araujo Netto.

EM FAGUNDES VARELLA

Da Côrte:—Ernestina Alexandrina Santos e Heitor Murat.

EM GONZAGA

Da Côrte:—Candido Neiva.

(*) Vide ns. 15 16 e 17 d'A Semana.

EM ODORICO MENDES

Da Côrte:—Aristides T. Jansen M. Lima.

RESULTADO:

Gonçalves Dias.....	55
Castro Alves.....	25
Luiz Delfino.....	15
Luiz Guimarães Junior...	4
Casimiro de Abreu.....	3
Alvares de Azevedo.....	2
Fagundes Varella.....	2
Gonzaga.....	1
Domingos de Magalhães...	1
Pedro Luiz.....	1
Bazilio da Gama.....	1
Alberto de Oliveira.....	1
Odorico Mendes.....	1
Laurindo Rebello.....	1
Gonçalves Crespo.....	1

Quando durmo te retrato;
Quando acordo, inda te vejo;
Mas quando fallo contigo
Só me responde o desejo.

« MARIA DA FONTE »

Acabamos de receber de Portugal um exemplar d'esta ultima obra de Camillo Castello Branco, que por elle nos foi offerecido.

E' um volume de 425 paginas, esplendidamente impresso na Typographia Occidental, do Porto, edição de Eduardo da Costa Santos, da mesma cidade. Na capa, sobre o titulo, enquadrado em elegante ornamentação, destaca-se a assinatura, em fac-simile, de Camillo Castello Branco.

Do valor d'esta obra demos uma pequena amostra, em o nosso numero pasado, publicando um excerpto.

Agora—que a temos sobre a mesa, vamos—devoral-a!...

E depois viremos dizer em algumas poucas linhas as impressões que nos deixar este novo livro do assonbroso escriptor portuguez.

MANTO REAL

Da flava Ceres falta-te ao cabelo,

A cor que ao seu dourava e aos trigos doura;

Tens negra a trança, e deverei dizel-o?

Fica-te assim melhor, não sendo loura.

Crespa, enredada em serpes tentadoras

Cheiro-a, aspiro-a, febril, e ardondo em zelo;

E ella em meus labios, qual se a Noite fôra,

Da Volupia infernal me imprime o sello.

Tóco-a, aperto-a, desato-a, fio a fio,

Estendo-a nos meus hombros, vello ondeante,

Tomo-lhe as pontas, e o teu rosto espio...

E entre os claros da trama escura e bella

Creio, vendo-te a luz do olhar radiante,

Ver a restea de fogo de uma estrella.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

GERMINAL

A leitura do *Germinál* trouxe-me á lembrança o *Inferno* do Dante. Zola talvez pretendesse fazer uma parodia burgueza áquelle grande pesadelo pessimista do genio da media idade. As mesmas linhas geraes, *mutatis mutandis*, o mesmo intuito.

Estevão Lantier, perdido em Montsou, durante uma noite caliginosa, encontra Maheu que o introduz na mina de carvão do Voreux. Como o Dante, guiado por Virgilio, desce ás bolgias inferiores, e o horror da treva se manifesta a seus olhos em toda a sua hediondez. As mes-

mas preocupações sobre o problema da vida, os mesmos combates sanguinolentos, as mesmas respostas torturantes. Sonhos medonhos e o supplicio de uma classe! *Lasciate ogni speranza, voi chi entrate!* Ali a fatalidade das penas religiosas, implacáveis. Aqui a fatalidade do meio social, que confina o operario em um circulo estreito e o condemna a todas as desgraças, consequências da miseria, da ignorancia, da immoralidade da privação *ad semper* dos meios de *parvenir*.

Lantier percorre as negras galerias com o pavor na frente, representado por esse velho sexagenario Bonnemort, que o trabalho de galé industrial consumira, — o negro, medonho, detestavel Bonnemort, cuja alma carcomida se expectorava no escarro denegrado do carvão.

Todo o tufão do mal invisível sopra através de seu peito offegante; o seu espirito satura-se de treva; e, quando esse misero rapaz emerge do poço e desobstrue-se da obsessão, é para cair na prostração dos que sentem o coração improprio para a vida.

Lantier senta-se do lado de fóra, em Requilart, e observa o fervilhar da immundicie operaria, essa immundicie que entra e sae da goela immensa do Voreux.

O espectáculo d'esses desgraçados rapazes, que, apenas libertos do trabalho, levam as raparigas aos trambulhões, aos beijos e aos abraços para o matto, de onde levanta-se um « cheiro acre de mulher e hervas machucadas, » lança-o n'uma angustia sem nome; sua tristeza augmenta, sem que elle saiba porque, e a alma perde-se na sondagem impossivel do abysmo humano.

Zola, porem, bem o sabe. Esse infeliz moço está condemnado por uma lesão aucestral—o alcoolismo, com tendencia para o assassinio, a uma vida atroz. A pressão do meio objecto em que elle vai entrar, põe-lhe nos nervos desde logo, a antecipação das lutas inevitaveis consigo mesmo e com os outros. Aquella miseria! aquella provisoria felicidade animal o enche de revoltas, só ao pensar que todas essas meninas « exaustas pelo trabalho e pelo soffrimento, vivem todo o dia a atulhar a barriga de futuros miseraveis. »

O tempo, contudo, se encarrega de assimilar-o a essa furna de miserias. Lantier herdou com a vesania o talento, a imaginação e a eloquencia. Habitando-se ao trabalho barbaço da mina, por fim elle consubstancia-se com o sentimento que a povoa.

Um dia a idéa da *Internacional* invade o Voreux e vae perturbar o cerebro do operario de envolta com as visões, os delirios que o *grison* provoca. Lantier que, embriagado pela idéa nova, tem buscado illustração, Lantier exalta-se, e quando menos pensa, sente vibrar em si as fibras do tribuno e do chefe de bando.

A *grève* gradualmente tende a crescer e cresce, e engurgita-se nas entranhas negras do Voreux: até que um dia, fustigada pelo prazer da burguezia, que em cima se repasta nos accepipes refinados, estorce-se, rebenta, e rompe, alastrando a valle como uma serpente de mil cabeças, assanhada, faminta, cheia de um virus empestado.

O tribuno victorioso já sonha com o Capitolio, tendo supplantado todas as ambições pequenas, que retolhavam a propria *grève*. Elle, porém, não é mais do que um vesânico. Embalado a consciencia e a educação o impellem para um movimento serio e humanamente respeitoso. O vicio organico apresenta-se truculento. A *grève* reage sobre elle e o peso da responsabilidade o entonteece.

Chega o periodo do furor; trava-se a lucta no fundo da animalidade humana. Tudo reperente em Lantier como no

espelho de um vivo microscopio. Solta-se, por fim, esse monstro que tem tantas vezes reaparecido; como grandes cometas, na historia, a bruta fera arroja-se sobre os obstaculos para dilacerar dilacerando.

A catastrophe está prevista. O Voreux é destruido; o capital do burguez por momentos abalado, mas o operario cego, e rendido, e ainda uma vez reconduzido á escravidão. A machina desmantelada, concerta-se; e o rebanho humano, humilde e impotente, volta, como os seus companheiros eternos—o boi e o jumento,—a metter-se nos varaes da carroça do serviço.

A obra é grandiosa, repleta de coisas soberanamente terríveis.

Não é mesmo possivel ler o *Germinal* sem muitas vezes arquejar, impressionado por paginas verdadeiramente dantescas.

Pondo, porém, de parte o impressionismo do livro, e discutindo em vista de intuito scientifico e moral, resta saber se esse livro é util ou é pernicioso.

Resta saber se o operario,—o homem do povo,—para quem elle foi principalmente escripto encontra ali um proficuo ensinamento ou uma aggravação ás suas penas.

Quer-me parecer que n'essa leitura tudo tende a perder-se; porque—ou elle convence-se ao fechar-o, de que sobre si existe uma crosta impenetravel, impossivel de romper, e n'este caso desespera, definha, mergulhado na profunda tristeza da miseria,—o que é uma força que se perde; ou cria coragens novas para a revolta, arregimenta-se contra as classes que formam a camada superior do solo social, e, n'essa lucta insensata, morre ainda, destruindo, subvertendo o que o tempo tanto custou a acumular. Qualquer uma d'essas hypotheses é suggestão natural do *Germinal*, e consigna, n'estes tempos, em que a sciencia procura tudo conciliar e só cogita nos meios mais efficazes, pelo menos para moderar os conflictos incessantes, um verdadeiro desvio de orientação.

A obra de Zola, dia a dia, vae se accentuando pelo lado socialista.

Mas é preciso que todos se convençam de que o socialismo é um brado, um aviso, se quizerem, das agonias que laboram nas entranhas das nações envelhecidas e sem valvulas de segurança, das sociedades que, como a grande União Americana, não tem na descentralisação o remedio sedativo para essas convulsões animaes.

O socialismo é uma sublevação da natureza bruta, não é um facto de razão, um acto de selecção consciente no corpo complexo de que fazemos parte.

Zola, portanto, corporisando esse hausto doentio, que pede apenas derivativos pelo modo systematico porque o fez, não procede como um artista, que ama a terra de onde extrae os marmores para sua obra esculptural.

Sei perfeitamente que afinal de contas os seus livros são o que são, porque não podem ser outra cousa. Questão de temperamento. Em todo caso, porém, deve haver um paradeiro contra a maldade organica, inconsciente.

O romancista, o moralista moderno, que aspira verdadeiramente a este nome, o physiologista-psychologo não pôde impune despresar os processos profilaticos. Se o romance quer hoje um logar entre os meios arregimentados para a educação dos povos, se a educação moderna pretende collocar-se ao par das sciencias mais importantes, nada mais rasoavel do que exigir d'elle que, antes de tudo, seja hygienico. Não se grita a todo instante que a

hygiene é a base de todo esse edificio intellectual, esthetico, moral, que se chama—o homem? Não consagraram Spencer e Bain capitulos especiais a esse monumental assumpto?

Pois sejamos coherentes, e classifiquemos á parte, com rotulo especial, os productos sporadicos da imaginação humana, que estão fóra do quadro dos alimentos necessarios ao espirito.

O medico prudente, quando reconhece que ao estado do doente é prejudicial uma certa ordem de idéas, a contempção de certos aspectos naturaes ou sociaes, estabelece-lhe um cordão sanitario, e presereve-lhe um meio mais ou menos artificial, que possa associar-lhe idéas restauradoras, e equilibrar-lhe as forças.

Sei que me hão de lembrar Rabellais, Juvenal e o proprio Shakespeare. Mas, para rebater a objecção, basta recordar que as incongruencias d'esses auctores geniaes não constituem regra, nem formam a medula de suas obras, aonde antes de tudo encontra-se a natureza no seu *mais complexo e prismatico* desenvolvimento.—harmonica, grandiosa, nutrie em todos os seus contrastes. Um exemplo d'isto é o « Ricardo III » de Shakespeare, aonde Gloucester, discipulo de Machiavel, para subir ao throno e manter a sua politica nefanda commette as maiores atrocidades, revelando um dos caracteres mais negros e tredsos que se conhece em litteratura. E o poeta para descrevel-o com verdade reúne as cores mais cruas do seu magico pincel. Não obstante, a tragedia não se tinge d'esse pessimismo que envolve todos os livros de Zola. A razão é simples: Shakespeare descrevia o mal sem consubstanciar-se com elle, e sabia libertar-se dos seus personagens—isto é, tratava-os objectivamente, não os ennegrecia com as tintas do seu temperamento exclusivo. Shakespeare era um *miriad-miudad*.

O mesmo se encontra no *Hamlet* e no rei *Lear*, que são a propria melancolia posta em scena.

T. A. ARARIPE, junior.

Até nas flôres se encontra
A differença na sorte!
Um as enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

BOLOS

Ha quatro mezes que eu d'esta columna modesta aponto á nação pasmada aquelles que merecem bolos, e por este serviço importante ainda me não foi dado contemplar na botocira do meu fraque de bohemio nem ao menos o habitó da Rosa!

Poderia exclamar a parlapatice classica de Scipião: *Ingrata patria non possidebis...* etc.

Porém, como não vi pela vez primeira a luz do dia em Minas Geraes, nem me resta o recurso do latim para estes momentos de desespero.

Mas o que me afflige ainda mais do que a ingratidão do paiz, é a tergiversação dos accusados quando chamados a bolos.

Sei de ha muito que n'este infortunado officio de escriptor nada ha mais inglorio do que a censura, assim como nada mais desagradavel aos outros do que a verdade. Se eu amanhã escrever que o Dr. Mello Moraes errou incluindo no seu *Parnaso Brasileiro* poetas que são por emquanto principiantes, que não têm um nome firmado nas lettras nem uma obra publicada, e excluiu outros que têm nome e obras—o Sr. Mello Moraes ha de acoirar-se de injusto e talvez leve a sua complacencia até ao extremo

de ficar meu inimigo. Se eu disser que o Sr. José Fernandes de Castro, por alcunha—Urso, é um pouco menos formoso do que o Antinus do Capitólio e um pouco menos bello do que o Ganymedes da fabula—o Sr. Castro responde-me seguramente—que Quasimodo screi eu!

Vem tudo isto a proposito da maneira por que respondeu o *Diario Portuguez* á accusação que lhe fiz d'este mesmo logar no passado numero d'*A Semana*.

Em defeza da sua má acção o collega não encontrou mais que as razões por mim previstas e de ante-mão combatidas.

Diz o *Diario* :

«A contestação do collega de que os referidos jornaes não tiveram imitadores, que «traioeiramente» se aproveitavam da idea, não procede no caso presente.»

Mas, collega da minha alma! é exactamente a contestação que procede no caso presente.

Desde que o jornal inglez e o de Coimbra fecharam o seu suffragio nós não os podemos prejudicar, como os não prejudicariamos se elles ainda o não houvessem fechado, por isso mesmo que um é de Inglaterra e outro de Portugal.

Mas o collega, que é nosso conterraneo e contemporaneo, abrindo tres ou quatro dias depois questão identica á proposta por nós, foi, tenha paciencia! foi pelo menos, desleal.

E por eu conhecer dois redactores e proprietarios do *Diario Portuguez*, os meus amigos J. Felipe Pestana e Gonçalves Pinheiro, em quem sempre respeitei dois caracteres distinctissimos, foi que attribui a terceiro a origem do mau acto do collega.

Se filiei mal esse acto, tanto peor para os outros.

Reitro a accusação feita no nosso numero passado, em todos os seus termos, e se aqui não escrevo o nome do individuo a que alludi é porque esse nome não é nesta redacção julgado digno de ser impresso.

Se, porém, os collegas insistirem na interrogação, eu poderei, particularmente, aqui no escriptorio, mostrar-lhes o que se obstinam em não querer ver.

E para que se não possa suspeitar que nos faltam sentimentos de lealdade e cavalheirismo, como diz o collega, e emquanto a redacção d'*A Semana* seja inteiramente solidaria em todos os seus actos,—eu desprezo por hoje o pseudonymo que desde o começo d'esta folha adoptei nesta secção, e assigno-me em publico e raso

FILINTO DE ALMEIDA

Este mundo é um theatro,
E nós os representantes,
Mas só os felizes podem
Fazer os papeis brilhantes.

Á « GAZETA DA TARDE »

A *Gazeta da Tarde*, no dia 28 de Abril, a proposito da questão: qual o primeiro poeta brasileiro, dirigiu palavras acres ao nosso collega Valentim Magalhães, deixando transparecer a opinião de que o auctor da *Solemnia Verba* e da *Fornarina* não preenche as condições exigidas para occupar o primeiro logar na poesia contemporanea do nosso paiz.

Estou de accordo com o distincto escriptor que se occulta sob o pseudonymo *Tuc* em um ponto e é este: uma opinião qualquer deve ser acompanhada de razões que levem a convicção ao espirito de todos; isto é, deve ser discutida, amplamente diseutada.

Se o nosso collega Valentim Magalhães não reforçou a sua opinião de argumentos, foi simplesmente porque ninguém protestou contra o que elle disse

nos primeiros artigos sobre o grande mestre.

Porém, como agora a occasião é oportuna para discutirem-se os poetas brasileiros, eu que estou firmemente convencido de que o Dr. Luiz Delfino é o nosso primeiro poeta, desejaria ter occasião de apresentar as considerações que me parecem indispensaveis para uma tal affirmação.

Portanto, convido o illustre escriptor da *Gazeta da Tarde*, por quem tenho a maxima consideração, para uma polêmica, cujo resultado será para todos altamente significativo. Se for vencido, será grande o meu prazer, porque nada peor do que ter-se uma opinião erronea sobre qualquer cousa; se vencedor, o publico fleará sabendo que os admiradores do Dr. Luiz Delfino, quando o proclamaram o primeiro poeta brasileiro, foram levados exclusivamente por motivos justos e sobretudo logicos.

Se o distincto escriptor, a quem me dirijo, dignar-se corresponder ao meu pedido, que é o mais sincero e que é uma prova da alta estima em que o tenho, peço-lhe mais uma cousa e é: que discutamos ás claras; sem pseudonymos.

Aguardo, portanto, a resposta do meu illustre antagonista.

LUIZ MURAT

Só na morte encontra a vida
Quem na vida a morte tem;
Por isso eu desejo a morte
Por querer viver tambem.

COFRE DAS GRAÇAS

— Ando com vontade de entrar para o *Club Beethoven*.

— Gostas então muito de musica classica.

— De musica? Qual! Entro por causa dos bailes.

— Estás enganado. O *Beethoven* não dá bailes:—dá somno.

Em um restaurant, estão sentados á mesma mesa um hespanhol e um inglez, que se não conhecem.

Emquanto o hespanhol espera pelo jantar, vae fincando azeitonas com o garfo.

Uma d'ellas porém saltou para junto do inglez, que a empurrou para o lado do hespanhol. Este ataeou-a de novo com o garfo e a azeitona saltou de novo para o prato do inglez.

O inglez, de sobri'olho carregado, empurrou novamente a azeitona. Terceira investida do hespanhol, terceiro salto da azeitona. Mas desta vez o inglez perdeu a paciencia: fincou a azeitona com o garfo bruscamente, trineou-a e cuspiu-a em pedaços, fulminando o hespanhol com um olhar terrivel.

Mas o hespanhol, sem se pertubar, exclamou:

— Por força que agora o senhor havia de espetal-a:—se ella já estava cançada!

Do noticiario de uma folha diaria desta corte:

«Vitalino Rosa de Almeida foi preso ante-hontem, por ser encontrado em completa nudez, tomando banho na praça Vinte e Oito de Setembro.»

Constou que o Sr. Conselheiro, Director da Escola de Medicina, em meio ao discurso com que abriu as aulas, reprehendendo os estudantes por causa das manifestações que elles lhe tem ultimamente feito, exclamou:

— Tenho até recebido cartas anonymas! Mas fiquem sabendo os senhores que eu já preveni o meu creado que não recebesse mais as cartas anonyms, que me forem remetidas!

BIBIANO.

Canhenho de um moralista em disponibilidade

Nos maiores soffrimentos moraes, nas mais atrozes dores da vida, quem sempre geme é o nosso amor proprio offendido.

Só existe um sentimento que escapa a esta regra:— o amor de mãe.

Um litterato nosso immortalisou-se es crevendo algures a atroz banalidade de que— o Brazil é fertil em genios. Eu comprometto-me a provar que o Brazil inda é mais fertil em mediocridades pretenciosas e imbecis de todas as capacidades. E' só pedir por bocca.

Critério seguro e justeza de vistas, para julgar homens e factos, coadjuvam mais o nosso bem estar e prosperidade do que muito talento e muita illustração.

O insensato é um paria da sociedade, muito embora possua qualidades brillantes.

Ha pessoas tão irremediavelmente rotineiras, tão preguiçosas, tão afferradas aos seus habitos que, reconhecendo aliás os beneficios que lhes podem provir de um commettimento ou de um trabalho qualquer, fóra dos affazeres costumeiros, ainda assim preferem não incommodar-se.

Rarissimas são as pessoas que sabem elogiar e censurar com justiça e moderação.

Quasi todos deixam transparecer nas palavras de encomio ou de deprecciação que dirigem a alguem a sua parcialidade, estreiteza de vistas, paixões e interesses.

Os homens tem um tal apego aos seus interesses e aos seus sentimentos, quer bons quer máus, por tal fórma n'elles se consubstanciam, que muitas vezes presumem de boa fé ser inspirados pelo direito e pela justiça na sustentação da injustiça e da falsidade.

O illustre Larocheoucauld attribue ao amor-proprio todos os conflictos e misérias da vida social; mas não quiz dizer que tambem a elle se devem grandes cousas e grandes homens; que sem elle os homens seriam talvez melhores, mas o mundo não passaria de um curral de ovelhas innocentes e mal tosqueadas.

Quando o amor-proprio se chama: orgulho, vaidade, pretensão estulta, basofia, insolencia—dever ser energicamente verberado; mas quando é synonymo de altivez, dignidade, consciencia do proprio valor, inteireza de earacter e elevação de espirito, o moralista deve reconhecer a sua legitimidade e saudal-o como sentimento profundamente humano, inalienavel, eterno.

O peor é que os orgulhosos e os pedantes que lerem isto, hão de incluir-se logo na segunda cathogoria.

Quem diz mal dos outros habitualmente, sem fundamentar a sua má opinião, é infallivelmente despeitado, invejoso e ignorante.

Politica é a arte de servir aos amigos para ser ministro e de ser ministro para servir aos amigos.

Tres vezes quinze e dois dezeseite e um dezoito, noves fóra nada.

Assim pondera Herbert Spencer. (First principles, VI, 91.)

PANTAGRUEL.

O ANTI-CHRISTO

(EXCERPTO)

A SCIENCIA

As abominações!
D'ellas escutarás as cousas innarraveis!

O ANTI-CHRISTO

Oli, por emquanto, não!

A SCIENCIA

Vê pois estes notaveis
monstruosos heroes do Estupro e da Maldade.

O ANTI-CHRISTO

D'elles conheço alguns.

A SCIENCIA

São os heroes do Incesto:
Cyniras, Loth, Amom, mais Alexandre Sexto.
— Aquelle é Caracalla, o que estuprou a Mãe...

O ANTI-CHRISTO

Hei-de os interrogar até sondal-os bem.
Mas por emquanto é cedo.

A SCIENCIA

Então contempla attento
estes doutos da Lei, chefes do Pensamento,
dos quaes até aos ceus voou a egregia fama.
São Moysés. Mahomet, mais Zoroastro e Brama;
os quaes têm por si só feito mais cemiterios
do que todos os reis e coveiros de imperios
que inda chumbam o mundo ao Erro e ao Preconceito.
Attenta como vão, as mãos em cruz no peito,
tendo lançado o mundo á treva e á assolação.
Attenta n'elles bem!

O ANTI-CHRISTO

Mas Budha, a tradição
fez d'elle um deus maior que todo o Ceu e o Inferno.

A SCIENCIA *com desdem:*

Como Christo, Manú, ou como o Padre Eterno.

N'isto, um homem extraordinariamente magro e calvo, que é

O PROPHETA JEREMIAS (*arrancando as barbas*)—*batendo com um seixo nos peitos:*

Ai de ti, Israel! Ai de vós, Galliléa,
collinas de Ephraim, caminhos da Judéa,
onde o gado pastava á solta nas campinas!
O que é de ti, Sião, tão branca entre as collinas,
tão triste em teu deserto e êrma dos teus pastores?
Ai de ti, Jerichó, ó terra das mil flores,
Siloé, tão gentil pomar de romanzeiras!...
Que é de ti, Zabulon, com tuas mil palmeiras,
Carmello relusente em pampanos e vinhas,
Cidade de David, inveja das rainhas,
coberta do aloés, vinhedos, e ribeiros
que luziam ao sol por entre os castanheiros,
as figueiras da Syria e os verdes therebinthos?
Que é de ti, Issachar, plantada de jacinthos,
ó val de Josaphat, tumba dos patriarchas,
tão triste ao pôr do sol?!—Jordão, as tuas barcas
já não se ouvem remar cheias de pescadores!
Askalon. Askalon, terra de lavradores,
já não rasga o teu solo o ferro da charrúa!...

*Mas, acotovellando Jeremias, um homem cheio de barbas, e
palavras terriveis, que é*

O PROPHETA ISAIAS (*completamente nú*):

Judá! servil Judá! descalça, em pranto, e nua,
assim como eu préguei tres annos na Judéa,
tu uivarás tambem, a face amarga cheia
de lagrimas fataes — escrava dos Assyrios!
Vós, filhas de Sião, brancas e altivos lyrios,
vestidas de vaidade e sedas fabulosas,
de brincos, e d'anneis, pomadas deleitosas,
joias de prata e ouro, unguentos e brocados,
tereis vossos gentis cabellos perfumados
rapados á navalha:— e em vez de riso—pranto,
em vez de enfeite—sarna, em vez de orgia—espanto,
em vez de aromas—peste, e trevas em vez d'alva,
em vez de cinto—corda e em vez de tranças—calva!...

O DIABO

Extranho original! Gosto d'este vidente,
vestido como Adão d'um trajo negligente,
tão fiel ao seu deus, que, exposto á chuva e á brisa,
para salvar seu povo esqueceu a camisa!...

JONAS (*erguendo um braço nú e cabelludo*):—*n'um gesto de anathema:*

Ninive, vais cahir. orgulho dos imperios!...
Sobre ti vão crescer ervas dos cemiterios.
a ortiga, o tojo, o matto, e os cardos retorcidos!...
Em tres dias Jehovah rasgará teus vestidos.
queimará tuas naus, esquadras, estandartes!
O Senhor vai varrer, do Ceu as quatro partes,
os fundamentos vis em que o teu throno assenta,
como o cotão do cardo ao vento da tormenta!

O DIABO (*sacudido de riso*):

Quem dirá que voz tal, de eloquencia cheia,
aprendeu o sermão dentro d'uma baleia!

O PROPHETA EZEQUIEL. *comendo uma farinha que amassou com a bosta dos bois: com as barbas immundas, possuido d'um espirito:*

Sião, Jerusalem, filha dos Kananeus!
Hethea era tua mãe, teu pae dos Amorrheus,
e eis que Jehovah me diz:—Quebra a sua baliza,
ergue o teu braço nú contra ella e prophetisa.
Por isso eu te protesto, ó filha de Kanaan!
que assim como o Senhor me manda na sertã
que eu fabrique o meu pão amassado no esterco,
com a bosta dos bois: assim terás um cerco
como não viram nunca os reis mais os caudilhos,
em que a fome fará que as mães comam seus filhos;
c descalça, a ulular, cheia de cinza e sacco,
qual tragico rebanho aguilhoado e fraco.
tu irás amassar — nos estrangeiros rios —
com esterco dos bois teu pão entre os gentios!

O DIABO (*tapando o nariz e cuspendo*):

Que indigno porcalhão! Acho muito cruento
obedecer, meu caro, ao teu deus tão nojento!
Inda bem que receita infame e tão mesquinha
não vem inda em nenhum manual de cozinha!

Porém, com voz trovejante,

O PROPHETA OZEAS (*offerece aos que passam sua mulher, que c
uma rameira da Syria, toda nua, só com a cabeça tapada,
—debaixo d'uma lanterna*):

Povo! esta que aqui vês era uma vil rameira
que eu tomei por consorte e minha companheira,
que tres filhos me deu o que eu depois de novo
arremecei ao enxurro e ao ludibrio do povo:
Pois bem! como a mulher que vês aqui na rua,
com seu rosto velado e a carne toda nua,
branca, tremula, exposta ao pé do viandante,
assim Jerusalem! tu serás semelhante
à meretriz que vês:—e á sombra das palmeiras
traficarás teu corpo aos reis, como as rameiras,
e como ella exporás, debaixo das lanternas
teu seio ao publicano e ao cobre das casernas!

O DIABO

Eis aqui um Varão do Velho Testamento
que faz render a esposa e não é ciumento!

O IMPERADOR HELIOGABALO (*coberto de pedrarias, n'um carro
d'ouro, puxado por seis cavallos brancos*):—*com uma
voz de castrado:*

Sacrificae ao sol o deus bello da Assyria,
a que eu templos ergui, da Scythia ate á Illyria,
dos desertos da Lybia ás neves silenciosas!
Sacrificae ao deus das Canções e das Rosas,
Pae das Formas, do Ser, das Raças, mais do Amor!
Rei da Côr e do Som! Grande fecundador!

JOSUÉ (*brandindo uma espada*):

Abaixo os mil Baais das religiões malditas:
Moloch Belzebuth, deuses dos Moabitas!...
—Adorae Jehovah, senhor das mil cohortes!

THOR (*gritando*):

Só Odin é que é deus, deus de Heroes e dos Fortes!

ZOROASTRO

Sacrificae ao fogo! Andai na estrada recta!...

MAHOMET

Somente Allah é grande e eu só o seu Propheta!...

O PHILOSOPHO LAO-TOEU

Toda a Sciencia é vã—Tudo Orgulho profundo!
A ignorancia é só o maior bem do mundo.

GOMES LEAL

OS SETE PECCADOS MORTAES

(VERSÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

V

LUXURIA

A' cata de emoções extraordinárias, o velho libertino Picharles passeia em torno do Monte de Socorro, na rua *des Blancs-Manteaux*, sabendo perfeitamente que estranhas presas costumam encontrar-se alli.

Elle é terrível de ver-se, com o seu *costume* de perfeito *dandy*, porque os vícios hyperphísicos contorcera-lhe a bocca em um *victus* livido; a sua face é de uma côr desconhecida, á qual a perúca recusa associar-se; e não se lhe vê na cara o mínimo signal de barba, nem de pestanas, nem de sobrancelhas.

Uma mulher bella, moça, elegante, sae do Monte do Socorro—pallida, vacillante, a physionomia horrivelmente convulsa. Traz nas mãos um embrulho feito às pressas, mal arranjado em um jornal, que pelas pregas e saliencias, denuncia claramente as joias que encerra. Para não reconstruir esse drama é preciso não haver, ao menos, lido Balzac!

E' evidente que esta mulher mal casada tem um amante e que o seu amante é um jogador, porque só o jogo faz taes estragos, não só sobre os seus fléis como sobre todos que lhe dizem respeito.

O amante perdeu; é preciso que elle pague, ou senão que morra; a mulher desolada procura dinheiro; vai á casa de Gobseck e á casa de Gigonnet, sem que consiga enterneçel-os; o Monte de Socorro tambem se recusa a emprestar a somma necessaria, e não podendo salvar o homem que ella adora, a desgraçada amante sómente encontra uma solução:—morrer com elle. Caminha oucamente como ao peso de uma desgraça enorme....

Mas no momento em que vae subir ao *fiacre* que a trouxe, o libertino aproxima-se da portinhola ainda aberta e, encarando a mulher fixamente, face a face, com os seus pallidos olhos mysteriosos:

— Eu—lhe diz elle, com uma voz rouquenha—*eu posso vos dar o dinheiro!*

VI

IRA

Depois de haver batido a sua pobre sobrinha Brigida, como quem amassa barro, e depois de havel-a mordido, arranhado, pisado a cara a sócos e arrancado punhados de cabelo, a bôa Sra. Lalouette deitou por terra a pobre criança magra e emaciada, e agora patinha-lhe sobre o corpo, sem comtudo arrancar-lhe um gemido ou uma queixa. Por fim, detem-se a carrasca, não saciada, mas um pouco fatigada, e a criança levanta-se com uma incrível expressão de resolução e de força.

— Com que então não queres? diz a velha. Um homem idoso, respeitavel, que nos daria uma mobília de acajú, um relógio e tudo o mais! Exterminas-te, gastas as tuas noutes e eu tenho, quando

muito, o meu miseravel tabaco e o meu pobre café com leite. Que queres tu, então?

— Eu quero — diz Brigida — trabalhar e conservar-me honesta.

— Honesta! Honesta! — urra a velha, ébria de raiva. Decididamente ando caipóra:—só tenho um trunfo e este mesmo sae-me ás avessas! Vejamos: Queres ou não queres?

— Nunca!

— Ah! nunca! — vocifera a Sra. Lalouette, tornando-se carmezim.

E, agarrando um pote desguelado, brande-o, fal-o em pedaços sobre as costas magras da victimasinha, cuspin-do-lhe esta injúria:

— Safada!

VII

PREGUIÇA

Luiz Felter está recostado sobre um divan de seda cinzenta, bordada de flores claras.

Sobre este mesmo divan, não longe d'elle, está estendida a sua bella amante, Lydia, vestida apenas de um transparente penteador de gaze e com os cabellos soltos.

Pertinho, sobre uma mesa de nacar, coberta de um macio tapete de côres desmaiadas, o poeta vê, reunidos, o livro de Leconte de Lisle, que elle prefere entre todos, e um completo serviço de fumante e rosas cortadas, e bebidas geladas preparadas em copos, com seus tubos de palha.

Para gosar a voluptuosidade que preferir, basta-lhe estender a mão; mas elle não estende a mão. Prefere embalar se nas harmonias de um verso de Baudelaire, que lhe está cantando na cabeça, e que elle vae repetir mentalmente, no mesmo instante. Mas, reflectindo, acha melhor não se lembrar do bello verso e não faser nada, absolutamente nada!...

THEODORO DE BANVILLE.

O sol, que pr'a todos nasce,
Só para mim se escurece;
Chego a ser tão desgraçado
Que até o sol me aborrece.

A VIDA ELEGANTE

Quando uma pessoa volta do *Engenho Velho*, club e não bairro, não sabe o que dizer da amabilidade d'aquella gente tão distincta, tão cavalheiresca e tão cheia de amabilidades, que não poupa esforço algum para organizar umas festas que de *chics* não têm o que se lhes diga.

Assim, sabbado passado. Concerto magnífico, em que Raff. Ascher. Doppler, Mariani, Arditti, Saint-Saens, Haydn, Seulli, Ricci e Gottschalk tiveram interpretes excellentes nas Exmas. Sras. Alexandrina Silva, Maria da Gloria Faria e Alzira Peixoto, e nos Srs. Alfredo Bevilacqua, Fötterli. Gravenstein Saint-Martin, Motta Mello e Cernicchiaro, o correcto Cernicchiaro para quem não ha segredos de execução, e que tão bem como as dos outros tocou duas admiraveis composições suas.

Depois do concerto, dansas. E o baile foi até pela manhã cedo, animado, febril, em quadrilhas e em doudejantes walsas e polkas.

Assim Deus dê muitos annos ao excellent club, e á *Semana* tambem, não por egoismo nosso, mas para termos o prazer de continuar a frequental-o emquanto vida e saude andarem de braço dado cá por casa.

LORGNON.

THEATROS

Na quinta-feira estreou no Lucinda a companhia Furtado Coelho. Em lugar da *Dionysia*, que estava annunciada, escolheu a empreza *O Demi Monde* para apresentar-se ao publico.

A casa estava repleta e a peça agradou, como sempre. Tambem, com dois artistas como Lucinda e Furtado quem não gostará de ouvir conversar mil vezes Olivier de Jalin e a baroneza d'Ange?

Em seguida ao *Demi Monde* esta companhia dar-nos-ha *Por causa de uma carta*, deliciosa comedia de Sardou; *Os Filhos de Adão*, de Euzebio Blasco, o auctor do *Lenço Branco*, e *A mantilha de renda*, bellissima comedia em verso, de Fernando Caldeira.

A estação da companhia vae ser curta mas bôa.

No Recreio Dramatico continuam os ensaios da grande lenda tragica de Eche-garay—*No seio da morte*. Esta peça foi pelo Imperador offercida ao actor Dias Braga que a escolheu para seu beneficio. A primeira representação deve ser no dia 20 do corrente.

Por emquanto a empreza vae-nos dando a *Dionysia* e algumas das peças do seu repertorio que mais tem agradado.

Prepara tambem *A Filha do Guedes*, comedia imitada do francez pelo Dr. Augusto de Castro, que terá musica composta pela Sra. D. Francisca Gonzaga.

No Principe a empreza Apollonia continúa com *Os Filhos do Capitão Grant*, emquanto não prepara *As Noites da India*.

No Sant'Anna nada de novo. Esperemos a *Ave do Paraíso*.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XIV

Tive de assistir a uma scena de ternura: D. Leonarda, mal avistou meu hospede, abrio em tres pulos uma carreira que foi acabar nos braços d'elle.

Apertou-o, beijou-lhe os labios, chorou-lhe sobre o peito a sua velha e chronica saudade.

Castro Malta deixava-se amimar, sem uma palavra de opposição ou de ternura.

— Tu me amas? perguntou-lhe ella com a voz sumida e estrangulada de commoção.—Tu me amas, Castro?

— Pois não! respondia elle, já impaciente.

E, voltando-se para mim, emquanto a velha o estreitava nos braços:

— Eis a vida, meu amigo! Eis a vida! Pense e reflecta sobre este caso e diga-me depois a razão, porque sou tão extremecido por esta mulher.

— Castro! reprehendeu a velha, abai-xando os olhos, muito seria.

— Mas si é assim...ia continuar o ressuscitado, quando eu, vendo que a scena ameaçava prolongar-se por muito tempo, resolvi cortal-a, dizendo ao amoroso casal que estava defronte dos meus olhos:

— Bem, jovens pombos apaixonados, agora que já se abraçaram à vontade, agora que, segundo julgo já não ha restos de scudade viva dentro de nenhum de vocês dous, vamos tratar do que a todos nos interessa.

— A mim nada interessa mais do que isto! afirmou minha sogra.

— E a mim nada interessa absolutamente! acrescentou o Castro, deixando se calir em uma cadeira—Dou-lhes a minha palavra de honra em como estou cahindo de fome. Juro que um pedaço de carne assada não me faria agora mal de especie alguma, mas...

— Mas... ajudei eu, verdadeiramente enrigado.

— Mas o que, Sr. Castro?

— Mas... E' verdade! Mas o que?... Para lhes fallar com franqueza, já não me lembro do que dizia...

— Lembro-me eu, observei, reunindo na memoria os fragmentos esparsos da conversa. Lembro-me eu... O senhor dizia que...

— Nada! Não! atalhou Castro.—Não me lembre nada! Deixemo-nos d'isso! Para que diabo havemos de lembrar-mo-nos de coisas que não nos interessam, isto é, que não interessam ao senhor, porque a mim nada, absolutamente nada, me interessa!...

— Isso já o senhor repetiu mais de vinte vezes!

O maluco ia dar-me replica, mas teve de sustel-a com a chegada de alguém, que acabava de entrar.

Todos nós tres voltamo-nos para o novo personagem.

Era o Sr. Quintino, compadre de minha sogra.

— Ah! E' o senhor, compadrinho? gritou esta.—Que boa surpresa!

— E' verdade, respondeu o redactor d'O Paiz, dirigindo-se mais ao gesto de curiosidade que eu fazia do que mesmo ás palavras de D. Leonarda.—E' verdade! Sou eu, que, descobrindo o grande equivoço em que navegamos os senhores todos, apressei-me a vir desvendal-o!

— Como?! pinçou a velha.—Como, seu compadre?

— Quer dizer, continuou o famoso jornalista.—Quer dizer que a senhora e este senhor seu genro, se me não enganano, têm sido victimas de uma enorme trapalhada.

— Não comprehendol affiancei.

— Nem eu! reforçou a velha.

— Explicar-me-hei! tornou o Sr. Quintino.—Explicar-me-hei!

— Pois então veja se anda com isso! disse D. Leonarda, dominada por grande afflicção.—Veja se anda com isso, porque dou-lhe a minha palavra de honra que já estou farta de toda esta porcaria de Castros Mattas e Malts. e já não me sinto disposta a aturar mais semelhante mexericada! Arrel Arrel! Que até fede! Até fede esta questão!

— Bom! bom! cortou o jornalista.—Não vale a pena arreliar-se por tão pouco, minha senhora. A minha visita a esta casa não teve por fim dar incomodos, mas pura e simplesmente esclarecer o engano que havia.

— Pois esclareça por uma vez! bradou a velha.

— O Castro Malta de que falla a senhora, explicou Quintino—assim como o Castro de que falla o senhor seu genro, nada têm de commum com o Castro Malta de que falla o jornal de que sou redactor em chefe!

— Como assim?

— Quer dizer que nenhum desses dous Castros é o meu, nenhum desses é aquelle que o Paiz procurou descobrir! Pelos documentos, que me acaba de fornecer a Santa casa de misericordia e pelos dados obtidos pelo senhor promottor publico, sabe-se que o Castro Malta, recrutado, o Castro Malta recolhido ao hospital, o Castro Malta fallecido, enterra-

do e não encontrado no cemiterio, nada tem de commum com as pessoas de que me fallaram vocemecês!

— Ora essa! resmungou minha sogra.—Ora essa! Mas em todo caso, não tenho outro remedio senão acreditar nas suas palavras, porque o Castro de que me falla o Sr. Quintino é um Castro morto, ao passo que o Castro, de que eu fallava, o meu rico Malta, está mais vivo do que um azougue!

— Bem! retorqui.—Mas tudo isso não me esclarece no ponto em que eu deseje ser esclarecido! Para mim, tanto se me dá que o Castro Malta fosse assassinado na policia, como se morresse tranquillamente sobre a sua cama, ao lado de sua mulher e de seus filhos; o que me interessa, o que me preoccupa, é descobrir quem é e onde para o Castro Malta que seduzio minha mulher.

— Por esse respondo eu! atalhou a velha.

— Então responda! disse, avançando sobre elia.

— Eil-o! exclamou a velha apontando para o meu hospede que dormia já a somno solto estirado na cadeira.

— Este?! perguntei pasmo—não! E' impossivel! Não creio.

— Pois então, ouça e verá!

(Continúa)

TRATOS A' BOLA

Enviaram-nos d'esta vez cartas, contendo decifrações, referentes aos *tratos* ultimos, os seguintes charadistas:

Heleno, Jacy, Manoel Pereira Guimarães, Josephina B., Francisco de Paula Ramos, Fricinal Vassico, Fagundes, Julio Cesar de Magalhães, Honorio Esteves do Sacramento e A. A. Cardoso de Almeida.

O primeiro premio que era um decimo da loteria de 400 contos, sob n. 89,173 pertence ao Sr. Heleno e o segundo ao Sr. Jacy. Venham pois buscar os seus premios.

Eis as decifrações:

Da decapitada—*Cobras*; das telegraphicas—*Pateta e Vaca*; da augmentativa—*Dobrado*; da antiga—*Petalo*; das tiburecianas—*Pitanga e Brocha* e da verbal—*Sertão*.

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

NOVISSIMAS

3-1—Na peleja este estrangeiro é valente.

1-2—Na Jurujuba, na cara e no campo. (O. D. C. ao Sr. Alvaro Coral por *D. Pastel*.)

ULTRA-NOVISSIMA (1)

1-2-3-4—Substantivo militar.

2-3-4—Substantivo optico.

3-4—Substantivo de pau.

4—Contração.

ANTIGA

3—Não sendo boa no começo nem no fim, é feita para bom fim.

MONOSYLLABICA (2)

Var — Verbo

Pente — Bicho

Ano — Instrumento

Bo — Legume

Na mythologia.

TELEGRAPHICAS

1-1-1—Bogari é planta.

1-1-1—Salada é medida.

EM QUADRO

Do throno eu sou...

Cor mais querida;

No muro estou...

Bôa bebida!...

(1) Vide n. 10 d'A *Semana*.

(2) Vide o n. 16 d'A *Semana*.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar do esplendido romance do Dr. Pedro Americo—*Holocausto*; ao segundo um almanack do *Correio da Europa* para 1885.

Antes de collocarmos o ponto final nestes *tratos* digamos aos nossos amigos que *D. Pastel* foi victima esta vez de um couce que lhe arremetteu uma calvaladura que accede ao appellido de *Alvaro Coral*.

E' ben provavel que este quadrupede estivesse esfaimado e furioso porque algum parente lhe houvesse comido a ração. Mas que diabo! *D. Pastel* não e da sua egualha, não tem cousa alguma de sua casta! Como explicar semelhante attentado? Como vingança, offerecemos-lhe acima uma charada.

Decifre-a.

Estes irracionaes... Estes irracionaes...

D. PASTEL.

Recebemos:

— «Um homem gasto»—episodio da historia social do XIX seculo—estudo naturalista por L. L. Editores Matheus, Costa & C. Vamos lel-o e daremos juizo.

— «*Revista Illustrada*.» Bôas caricaturas, bom texto e muito espirito.

— «*Vespa*.» Texto bem escripto e variado; quanto aos desenhos, o Netto que accete os nossos emboras.

De dia a dia enche o papo... de glorias.

Muito bem, muito bem.

— «*Mequetrefe*.» Como sempre interessante.

— «O Pavilhão Negro na America», energico e patriotico pamphleto em prol da causa abolicionista, pelo Dr. Jernymy Penido, redactor principal do *Despertador*.

— «O espirito da familia na escola»—estudos syntheticos e praticos— de Carlos Frederico Marques Perdigão. E' uma obra importante (já publicada na *Gazeta de Noticias*, em artigos) e de que nos occuparemos proximamente com a attenção que merece.

— «Parnazo brasileiro»—seculo XVI—XIX—1556—1880—pelo Dr. Mello Moraes filho; dous volumes. Editor, B. L. Garnier.

Occupar nos-hemos com este livro proximamente. E cremos que ha n'elle muito panno para... mang s.

FACTOS DIVERSOS

Chegou a esta cidade no dia 30 do mez passado, vindo do Rio Grande do Sul o poeta Fontoura Xavier, o distincto cantor das *Opalas*.

CORREIO

SR. MARIO.—O seu soneto—*A causa do meu mal* é... tambem do nosso. Veja se nos manda versos sem...lagrimas. Constipam menos.

SR. DIONYSIO B. TANCREDO.—O seu *Petit-tableau* será publicado brevemente, seu felizardo!

SR. ANTONIO M. FONTES JUNIOR.—O assumpto do seu soneto (Mais soneto!) sempre soneto! *Esquecimento feliz* é velho como o Padre Eterno. Queira nos mandar cousa nova e bem feita e nunca mais escreva versos assim: «E o soneto? ah! sim! Oh! eil-o já feito!»

SR. ADILON NAVARRO (Musambinho.—Minas). Da leitura que fizemos da sua poesia *O amor* notámos que o senhor

não tem amor nenhum á poesia. Leia estes versos e veja se não temos razão em não publical-a :

„ Depois, com timidez se vai descendo
O pé resvala... E' um abysmo! Debalde a mão
Segura as margens por onde se vai rolando na voragem
E' delicioso o amor, puro, mortal. Não crêas nunca
E' como um menino que de vagar entra n'um rio
Attrahido pela propria imagem que nelle se reflete:

Banha-se e afoga-se. „

Uff! Um salva-vidas!

SR. AMILCAR XARPOZ.—O seu conto não é mau. O que é verdadeiramente pulha e impossível é a *D. Armida* mostrar ao esposo entre lagrimas e soluços, *dos seus sedosos cabellos o primeiro fio de neve, que vinha annunciar-lhe o frio inverno da vida.*

Não ha mulher nenhuma que faça isto, e no emtanto ha muitas que ao depara-

rem com um fio de cabelo branco—arrancam-o.

SR. J. NETTO.—O seu soneto—*Minha infancia* é soffivel. Teremos immenso prazer em publicar seus versos quando forem de todo bons. Continue, pois.

Quanto ao seu pedido de assignatura, temos a dizer-lhe que foi recebido com especial agrado.

SR. AYMAR.—O seu soneto. (Ainda mais soneto! *Sursum corda!*) *Na dança*, não póde ser publicado. O senhor é principiante, vê-se dos seus versos. Por tanto estude e...appareça.

ANNUNCIOS

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA
RELOJOEIRO
67 Rua da Assembléa 67

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Redados nesta folha.

ERNESTO PINTO COELHO
SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

Calçado Inglez de Bostock—Crashley & C., rua do Ouvidor n. 67.

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66
LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

A Semana

Acceita annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 reis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar.. 1\$000

Serviço associado e profuso

Parece incrivel que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verifical-o, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUYANA 29

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134